

REVISTA CICEP EVOLUÇÃO

JUNHO DE 2022 V.1 N.6



DATA DE PUBLICAÇÃO: 15/06/2022

Se, por qualquer razão,
uma pessoa tem a
oportunidade de levar
uma vida
extraordinária, ela não
tem o direito de
guardá-la para si.

Jacques-Yves Cousteau



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 6

Junho 2022

Publicação

Mensal (junho)

SL Editora

Rua Fabio, 91, casa 13 – Chácara Belenzinho 03378-060

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Rafael Sanches Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 1, n. 6 (2022) - São Paulo: SL Editora, 2022 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 15/06/2022

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO COMO PRÉ-REQUISITO PARA O SUCESSO NA ALFABETIZAÇÃO

CINTHIA SANTIAGO DE FARIA.....4

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO COMO PRÉ-REQUISITO PARA O SUCESSO NA ALFABETIZAÇÃO

CINTHIA SANTIAGO DE FARIA¹

Letramento é, sobretudo, um mapa do coração do homem, um mapa de quem você é, de tudo que você pode ser.

(MAGDA SOARES)

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre os conceitos de Alfabetização e de Letramento, considerando-se este como pré-requisito daquele. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica que tem como aportes teóricos as posições de Emília Ferreiro e de Magda Soares sobre o tema selecionado, mostrando a importância que assume o trabalho em casa e, sobretudo, na Educação Infantil com atividades de uso efetivo da leitura e da escrita com gêneros e textos diversificados. Conclui-se que tanto a formação inicial quanto a formação continuada dos professores que atuam na educação infantil e nos anos iniciais do ciclo I precisa ser repensada para que eles alterem suas práticas e percebam a importância de alfabetizar letrando.

Palavras – chave: alfabetização, letramento, ensino da leitura e da escrita.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca discutir os conceitos de letramento e de alfabetização, à luz dos estudos que, no início da década de 80, trouxeram aos educadores a ideia de que a alfabetização não pode mais ser pensada como apropriação mecânica do código escrito, mas como um processo complexo que envolve a formulação de hipóteses e necessita do uso constante da língua escrita em práticas sociais reais na sociedade letrada.

Esta pesquisa, que se vale metodologicamente da revisão bibliográfica dos conceitos nucleares referentes à alfabetização e ao letramento nos anos iniciais, tem como referencial teórico de base os trabalhos de Emília Ferreiro e Magda Soares que reforçam as ideias e os princípios que já estavam presentes nas obras de Piaget e Vygotsky, defendendo-se que para que haja aprendizagem é

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2010); Pós-graduada em Legislação Educacional pela Faculdade Campos Elísios (2017); Pós-graduada em Neuropsicopedagogia pela Faculdades Campos Elísios (2018); Professora de Ensino Fundamental I na EMEF Geraldo Sesso Junior e na EE Padre Noé Rodrigues

necessário que o sujeito mantenha uma relação interativa de uso real com a linguagem e com a cultura em que está inserido. Assim, a criança precisa usar a língua escrita para apropriar-se dela.

Acredita-se que a alfabetização e o letramento são conceitos complementares que não se dissociam e por essa razão, a compreensão mais profunda deles pode contribuir para que os alfabetizadores possam ter um maior entendimento desses processos que se adicionam e, conseqüentemente, aperfeiçoar sua prática em sala de aula.

Muito embora Emília Ferreiro não reconheça e nem aceite o conceito de letramento, já que para ela alfabetização já o inclui, torna-se possível afirmar que o conceito de letramento contribui para redimensionar a compreensão que hoje se tem do que é ensinar a ler e a escrever.

A constatação dos índices oficiais alarmantes que são a cada ano publicados e atestam a incompetência das escolas brasileiras para formar crianças plenamente alfabetizadas, requisito mínimo para que elas continuem a formação escolar e consigam participar ativamente da sociedade letrada, justifica nossa opção pelo tema deste artigo, que pode contribuir para a reflexão dos educadores sobre a especificidade do processo de ensinar a língua escrita e evidenciar que para além do embate conceitual entre esses dois termos, para que ocorra o sucesso da criança o desafio que o professor tem hoje é o de alfabetizar letrando.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é caracterizar os conceitos de alfabetização e de letramento, evidenciar a necessidade de eles serem vistos como processos paralelos, complementares e simultâneos para uma aprendizagem de sucesso da língua escrita, por meio de uma pesquisa de revisão bibliográfica.

UM PRINCÍPIO DE CONVERSA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Assim como diz o provérbio latino “A palavra escrita permanece”, a leitura da “palavra” também permanece no leitor e é sempre mantida em sua releitura ou na sua significação no contexto em que ela está inserida.

Ler e interpretar uma informação possibilita-nos fazer com que as coisas aconteçam e que mudem de direção quando necessário. Quanto maior a compreensão e o entendimento dos textos, menores serão as possibilidades de sermos enganados ou lesionados, perante a sociedade letrada da qual fazemos parte. A alfabetização altera a forma como o indivíduo vive e é visto pela sociedade.

“O analfabeto é aquele que não pode exercer em toda sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedade letradas e, mais que isso grafocêntricas; porque conhecemos bem, e há muito esse “estado de analfabeto”, sempre nos foi necessária uma palavra para designá-lo, a conhecida e corrente analfabetismo. (SOARES, 2009: 20)

O analfabeto não tem suas condições prévias, isto é, o seu conhecimento anterior levado em conta, automaticamente torna-se excluído ao tentar desempenhar seu papel de cidadão e se priva de usufruir dos benefícios sociais a que tem direito.

O conceito de letramento vem substituindo o termo alfabetismo. O indivíduo letrado não faz somente a leitura e a escrita de palavras simples, mas sabe fazer uso de diferentes formas de leitura e escrita de diferentes gêneros e tipos textuais, atendendo às exigências de seu meio social.

O saber fazer uso da leitura e da escrita socialmente transforma a vida de uma pessoa. Tal aprendizagem possibilita que o indivíduo tenha contato com todo tipo de informação que a humanidade registrou em diferentes tempos e lugares. Aprendendo a escrever, passa-se a fazer parte desta história, registrando a nossa “palavra” e transmitindo-a ao mundo.

“A pessoa que aprende a ler e a escrever - que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem não sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.” (SOARES, 2009:36)

Distinguir uma pessoa letrada de uma alfabetizada pode resumir-se a dois exemplos: primeiro temos um adulto que nunca foi à escola, porém consegue responder adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita, fazendo suas compras do dia a dia, sendo capaz de reconhecer marcas e números e de fazer contas simples, pegar conduções certas etc. Ele é capaz de realizar todas as suas atividades diárias sem a ajuda de terceiros. Esse adulto não foi alfabetizado, porém apresenta condições de letramento, sabendo fazer uso de algumas linguagens e explorar imagens por meio de estratégias que ele próprio cria.

O segundo caso retrata um jovem que foi alfabetizado, completou somente o ensino fundamental, sabe ler e escrever, porém apresenta grandes dificuldades para interpretar uma manchete de jornal, localizar-se através de mapas ou decifrar sinalizações. Esse jovem não sabe fazer uso de diferentes tipos de linguagens, não tem essa habilidade desenvolvida, porque ele foi alfabetizado, mas não está letrado. A esse respeito afirma Magda Soares:

“As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem a competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio”. (SOARES, 2009: 46)

Um bom leitor e escritor é fruto de uma família que oferece condições de um ambiente rico em materiais de leitura e escrita sendo que a própria família dá o exemplo, praticando a leitura e a escrita para que, desde a infância, a criança seja estimulada. Essa primeira socialização da leitura e da escrita é essencial para que a criança chegue à sua segunda socialização, a escola, que deve dar continuidade ao processo, alfabetizando e introduzindo a leitura e a escrita em todas as disciplinas.

Para que a criança tenha condições de chegar à sociedade, sentindo-se incluída, é dever de todos (família e escola), proporcionar-lhe um ambiente cultural rico e motivador com condições iguais para todos.

“O que ocorre nos países do Terceiro Mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas” (SOARES, 2009:58)

Se não há um incentivo para que as pessoas que estão aquém dos bens culturais possam ter de fato um contato, um convívio com esse meio, não há o que se exigir, o que se medir em relação ao nível de desenvolvimento do letramento destas com aquelas que convivem rodeadas por esses bens culturais e têm um contato diário com o que há de melhor em relação a tais informações.

Não podemos dissociar a leitura da escrita, ambas se completam, pois a junção das letras ao som forma as palavras e o contexto de palavras pede a interpretação do conjunto, denominando o “código de escrita”, ou seja, o tipo de escrita a que se refere e o entendimento do contexto geral.

“Condições favoráveis advêm do fato de que o letramento é, no contexto escolar, um processo, mais que um produto; conseqüentemente, as escolas podem fazer uso de avaliações e medições em vários pontos do contínuo que é o letramento, avaliando de maneira progressiva a aquisição de habilidades, de conhecimentos, de usos sociais e culturais da leitura e da escrita, evitando, assim, o problema de ter de escolher um único ponto do contínuo para distinguir um aluno letrado de um iletrado, uma criança alfabetizada de uma não alfabetizada.” (SOARES, 2009:84)

Observa-se que, segundo a autora, temos de preparar a criança dentro do contexto escolar, para que ela se desenvolva na sociedade e se torne um verdadeiro leitor. O que deveria ocorrer, entretanto, é que fossem levados em conta todos os conhecimentos prévios do aluno, e que ele recebesse apoio e condições para ampliá-lo e exercitá-lo criticamente em seu meio social.

“Primeiramente, o uso do critério de conclusão de série escolar para avaliar o letramento em levantamentos censitários pressupõe que a educação universal e obrigatória é adequadamente oferecida, de modo que todo indivíduo tenha a oportunidade de entrar e permanecer no sistema escolar. Mais ainda, esse sistema deve ser fortemente organizado, para permitir supor que a natureza e qualidade da escolarização seja suficientemente uniforme entre as escolas, e que o mesmo nível de letramento seja alcançado no mesmo número de anos em escolas diferentes.” (SOARES, 2009: 98)

Assim, para Soares (2009), não deve haver restrições no sistema escolar, independentemente da classe social do aluno. O ensino deve ser único, em qualidade e oportunidades, para que se possa chegar a um consenso na educação de jovens que, futuramente, serão avaliados em seu desempenho e o grau de sua alfabetização marcará o seu futuro. Se no momento da alfabetização existirem atividades significativas para o aluno, de uso da escrita e da leitura, ele será letrado e isso trará reflexos para a sua vida adulta, como se pode observar pelo fragmento abaixo.

“O letramento é, sem dúvida alguma, pelo menos nas modernas sociedades industrializadas, um direito humano absoluto, independentemente das condições econômicas e sociais em que um dado grupo humano esteja inserido; dados sobre o letramento representam, assim, o grau em que esse direito está distribuído entre a população e foi efetivamente alcançado por ela.” (SOARES, 2009: 120)

REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DE EMÍLIA FERREIRO

Segundo Emília Ferreiro (2001), as crianças não pedem para aprender, elas buscam em seu meio dados que lhes instiguem a vontade de saber sempre mais, buscando sempre novas informações que serão transformadas em conhecimento. E são esses pequenos atos que são significativos e, por isso, devem ser estimulados e jamais privar a criança de situações de aprendizagem. É necessário que se faça o uso funcional da língua escrita juntamente com as crianças, mesmo antes de serem alfabetizadas, como sugere Ferreiro (2001):

As crianças iniciam o seu aprendizado de noções matemáticas antes da escola, quando se dedicam a ordenar os objetos mais variados (classificando-os ou colocando-os em série). Iniciam o aprendizado do uso social dos números participando de diversas situações de contagem e das atividades sociais relacionadas aos atos de comprar e vender.

Da mesma forma, iniciam o seu aprendizado do sistema de escrita nos mais variados contextos, porque a escrita faz parte da paisagem urbana, e a vida urbana requer continuamente o uso da leitura. (FERREIRO, 2001: 98)

A partir do momento em que a criança começa a observar e a usar a leitura e a escrita, ela já começa a perceber sua importância na comunicação diária que encontra ao seu redor. Essa é uma realidade de crianças que vivem no meio urbano, crescem rodeadas de informação e já chegam à escola com um certo conhecimento. Ao contrário, as crianças que crescem no meio rural têm a desvantagem de não receberem tais informações do seu meio, já que em muitos casos elas vêm de famílias analfabetas. É aí que se vê a grande importância de ir para uma escola que lhes ofereça condições para uma alfabetização de sucesso.

“A criança recebe informação sobre a função social da escrita participando desses atos (inclusive se se limita a observar, pois sua observação pode envolver uma importante atividade cognitiva). É provavelmente através de uma ampla e contínua participação nesse tipo de situações sociais que a criança acaba conseguindo compreender por que a escrita é tão importante na sociedade. (FERREIRO, 2001: 100)

É na pré-escola que os momentos mágicos de letramento devem acontecer, o contato com livros e com materiais de leitura e de escrita diversos, para que as crianças se familiarizem e tenham prazer em tê-los por perto e saberem para que servem.

“A pré-escola deveria cumprir a função primordial de permitir às crianças que não tiveram convivência com adultos alfabetizados – ou que pertencem a meios rurais isolados – obter essa informação básica sobre o qual o ensino cobra um sentido social (e não meramente escolar): a informação que resulta da participação em atos sociais onde o ato de ler e o de escrever têm propósitos explícitos.” (FERREIRO, 2001: 101 - 102)

Propósitos que se resumem em transmitir e adquirir informações através de meios de comunicação, e por isso é preciso dominá-los plenamente.

O LETRAMENTO NOS PCNs

Segundo Prado (1997), as crianças que crescem no meio urbano chegam a receber até um “certo” exagero de informações, convivem diariamente com noticiários de diversas formas, dentre elas a tão valiosa internet, que atrai a atenção das crianças com seus jogos e comunidades de relacionamento virtuais onde as pessoas se comunicam diariamente.

Uma criança com 4 anos já sabe qual a importância de reconhecer e saber utilizar as letras para comunicar-se com outra pessoa ou passar-lhe alguma informação, tem um contato direto com os

cálculos pelas compras realizadas por seus pais. Elas já têm a noção da utilidade do dinheiro e a necessidade de conhecer os números e distingui-los das letras.

Já crianças que crescem no meio rural vêm com essa desvantagem, por não terem acesso a tais informações e por isso não têm o interesse despertado, cabendo à escola priorizar a circulação de informações atualizadas para que elas possam ter contatos e dar sentido a diferentes situações do seu convívio social em que os textos estejam presentes. Prado (1997) explicita a importância desse saber prévio, explicando que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Essa responsabilidade é tanto maior quanto menor for o grau de letramento das comunidades em que vivem os alunos. Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (PRADO, 1997: 21)

Fica explícito que, após o término do primeiro ciclo do ensino fundamental I, o aluno deveria sair apto a fazer uso de diferentes formas de linguagens. Tais linguagens já se apresentam em seu dia a dia de diferentes maneiras. O educando deve reconhecê-las e fazer uso delas na sua comunicação diária, exercendo o papel social da língua.

Mas a ênfase que se está dando ao conhecimento sobre as características discursivas da linguagem — que hoje sabe-se essencial para a participação no mundo letrado — não significa que a aquisição da escrita alfabética deixe de ser importante. A capacidade de decifrar o escrito é não só condição para a leitura independente como — verdadeiro rito de passagem — um saber de grande valor social. (PRADO, 1997: 28)

Assim, o conceito de letramento é entendido, neste artigo, como resultado da participação do aluno em atividades sociais nas quais a escrita é tida como sistema simbólico resultantes de práticas discursivas que precisam da escrita para tornarem-se significativas.

POR QUE O PROFESSOR DEVE ALFABETIZAR LETRANDO?

Lacerda (1995), em seu artigo, também ressalta a importância de ir além da aprendizagem da leitura e da escrita, fazendo uso dessas modalidades essenciais e indissociáveis, como meio de comunicação nas sociedades atuais.

Ela dá grande relevância à atuação do educador, em promover a leitura crítica, indo além das “leituras televisivas” que nos rodeiam. Sobre esse aspecto a autora mostra que:

“Sobre essa apropriação é que se faz possível a construção de competências indispensáveis aos diferentes usos, funções e práticas sociais ligadas à cultura letrada. Dito de outro modo a alfabetização e o letramento se objetivados como condições de inclusão social permitem, então, redimensionar e ressignificar a importância da aprendizagem da leitura e da escrita em um amplo contexto de letramento, ou seja, num contexto em que a alfabetização – ponto de partida ao acesso da leitura e da escrita – ocorra sob circunstâncias, situações, processos e condições que permitam o desenvolvimento de habilidades, atitudes, competências e modalidades que avancem para além das primeiras exigências no uso da língua-escrita. (LACERDA, 1995: 3)

Lacerda ressalta a importância de alfabetizar letrando, jamais separando esses dois conceitos, para que essas crianças futuramente façam uso de seus saberes críticos, defendendo e lutando por seus ideais, pois a sociedade exige cada vez mais profissionais qualificados e habilitados para viver em uma sociedade letrada, para tornarem-se donas de seus saberes, aplicando-os de acordo com aquilo que julgarem correto.

A educação no Brasil precisa de ajuda e não podemos ignorar os problemas nele existentes. Precisamos de uma união de poderes para enfrentar os problemas de frente, somente assim o país poderá avançar, começando-se por investir na formação continuada dos profissionais da área da educação, principalmente nos alfabetizadores.

A sociedade pede cada vez mais profissionais qualificados, que invistam constantemente em sua formação, já que eles necessitam desenvolver, em primeiro lugar, suas competências e atualizá-las constantemente. Esse é um trabalho contínuo, que precisa de apoio e da ajuda daqueles que estão de certa forma envolvidos na educação. Em comunidades carentes, é essencial a ajuda de associações, empresas, empresários e políticos, para que os educadores tenham uma motivação para romper com as barreiras que surgem em seus caminhos e proporcionar às crianças momentos grandiosos e enriquecedores de construção dos seus saberes e um processo de alfabetização que não comprometa a suas vidas adultas, conforme defende Lacerda (1995):

“Se existem problemas ligados ao letramento eles são atribuídos às deficiências do processo escolar ligados à alfabetização ou, ainda, à falta dessa escolarização na trajetória de uma criança, de um jovem ou adulto. (LACERDA, 1995: 7)

Se a alfabetização for deficiente no período da infância, isso se refletirá na vida adulta, quando forem exigidas as habilidades nas situações de interação com os meios de comunicação, que exigem diferentes formas de interpretação. Se o indivíduo não for letrado, ele não será capaz de realizar tais atividades.

“Assim, nossa reflexão sobre a Alfabetização e Letramento como condições à inclusão social requer uma atenção não apenas sobre a necessidade criteriosa em relação à seleção das leituras, dos objetos e suportes textuais dados a ler e a escrever. Nossa atitude atual, como educadores e cidadãos, exige cuidado na organização de relações escolares em favor de usos diversificados da leitura e da escrita se queremos qualificar, continuamente, as práticas de alfabetização e de letramento dos alunos. Uma atitude que implica, evidentemente, a qualidade das práticas de letramento dos professores como: falantes, leitores e usuários da língua escrita.” (LACERDA, 1995: 8 - 9)

A qualidade das práticas de letramento dos professores é crucial para que a criança reflita e desenvolva o ato da leitura e da escrita suas escolhas evidenciarão se o que o educador propõe é meramente cópia de cartilhas ou apostilas ou se realmente se efetiva como uma prática inovadora.

A criança busca sempre modelos a seguir, seja em casa ou na escola, ela precisa de alguém no qual ela possa se espelhar. Na grande maioria das vezes, esse espelho é o professor. Se o professor demonstra interesse por coisas novas e aprende cada vez mais, esse será o reflexo que seus alunos terão. Já se o professor se mostrar desinteressado, terá um aluno igualmente, sempre cansado e desmotivado para tudo o que é diferente e novo para ele.

Trabalhar em prol da alfabetização e do letramento implica, pois, na construção de um ambiente democrático, voltado para a construção da cidadania de cada leitor, sua liberdade de expressão, o desenvolvimento criativo de sua linguagem oral, o desenvolvimento de uma consciência fonêmica (relações fonema-grafema), fluência nos atos de leitura oral e silenciosa, individual e coletiva, uma educação estética, o aprimoramento do vocabulário, da capacidade de inferência, de compreensão, de interpretação, de verbalização das ideias e a convivência com textos – manuscritos e impressos – e, sobretudo, a convivência direta com livros, com uma boa literatura nacional e estrangeira, os usos dessa literatura e da biblioteca (dentro e fora das salas de aula) e, enfim, o acesso e o uso efetivo, o mais possível, com diferentes suportes materiais e tecnológicos, pois cada um, ao seu modo, é uma linguagem textual. (LACERDA, 1995: 9)

Em um ambiente democrático, todos têm direito a dar sua opinião sobre os textos, falar, expressar-se livremente, fazer valer a pena a interpretação da maioria. Para tal ação é necessário que o indivíduo tenha autonomia e conhecimentos para interpretar. Para isso, ele precisará fazer uso de diferentes linguagens, ter uma visão ampla e conseguir interpretar tais linguagens para defender seu ponto de vista.

Exercer o papel de cidadão requer conhecimentos, competências e habilidades com as múltiplas linguagens.

Em se tratando da alfabetização e do letramento, no âmbito escolar, se necessária uma certa organização pedagógica quanto aos níveis e processos de ensino e de aprendizagem da língua-escrita, ela deve garantir - ao longo e ao final da trajetória educativa - a construção de competências apoiadas em práticas culturais e sociais que favoreçam os usos da leitura e da escrita na escola e fora dela. Cada contexto histórico solicita dos leitores e dos usuários da escrita um saber ler e um saber escrever específico: ao seu tempo, lugar e às múltiplas situações de comunicação associadas ao letramento. (LACERDA, 1995:16)

A escola deve manter-se atualizada nos conteúdos que apresenta e ser flexível às mudanças, para atender às demandas do mundo social e cultural. É preciso desenvolver a prática da leitura e da escrita constante nas crianças e mostrar a elas a importância da sua comunicação com o meio social em que estão inseridas, mostrar o valor da língua escrita e falada em diferentes momentos históricos. Dessa forma, irá compreender melhor aquele que tiver a capacidade de interpretar diferentes níveis de informações, não só compreendê-las como discordar delas, questionar, se necessário, opor-se e, acima de tudo, dominar sua argumentação e fazê-la valer a pena.

A perda de certos hábitos tradicionais, como a leitura em voz alta, os serões de leitura, as rodas de sociabilidade em torno da poesia que, no fio do tempo, se perdem, se transformam, se sobrepõem e se contrastam num mundo onde o valor da escrita está bastante consolidado, mas o valor de certas práticas orais e de leitura têm, progressivamente, sofrido um certo apagamento parcial ou total. (LACERDA, 1995: 17)

Hoje em dia, é raro ver um filho em idade escolar lendo uma produção escrita para o pai ou criando-a juntamente com ele. A praticidade tomou conta do mundo e tudo se resolve em um click, com um bom navegador, joga-se a palavrinha “mágica” no google e ele resolve. Assim, cria-se o hábito de simplesmente folhear e jamais ler, entender, decodificar com precisão e atenção. Coletar informações prontas e fazer delas as palavras de todos é uma prática frequente, sendo que todos concordam e aceitam o que alie dito, sem procurar entender ou questionar as ideias já prontas.

A leitura - atividade encarnada de gestos - exige uma determinada habilidade, treinamento e aprendizagem para que o leitor prossiga na ordem (implícita) do texto e na orientação de leitura pressuposta nesse mesmo texto. Ao mesmo tempo, a leitura implica alguma necessidade e condição de liberdade durante a construção da compreensão, da apreensão e da interação com o mundo das palavras e o universo representado por intermédio delas. (LACERDA, 1995: 25)

Para que seja despertado o prazer pela leitura, essa prática deve ser gradativa e constante, permitindo-se a integração com o contexto proposto pelo texto, deixando-se levar pelas emoções de cada texto para compreendê-los e recriá-los internamente com total autonomia para isso.

A ALFABETIZAÇÃO VAI ALÉM DO LER E ESCREVER

Maio e Watakabe (2007) também ressaltam, em seu artigo, a grande relevância dada às fases da alfabetização, estudadas por Emília Ferreiro. A alfabetização tem início antes de a criança entrar para a escola e ocorre por meio do contato que ela tem com a cultura escrita presente em seu dia a dia, pois a alfabetização vai além do simples ato de decodificação, sendo necessário fazer uso dos diversos tipos de textos usados em sociedade e dar sentido a eles.

Emília ressalta ainda, a continuidade do processo de alfabetização, durante todo o período das séries iniciais, evidenciando a importância do alfabetizar letrando e jamais separar esses dois processos.

De acordo com as ideias das autoras:

“A leitura do processo de alfabetização deve valorizar o processo de interação da criança com o texto, não como um produto acabado, mas no sentido de se abrir ao diálogo, proporcionando assim situações de um processo dinâmico, formando um leitor crítico e criativo.” (MAIO e WATAKABE, 2007: 2)

O professor deve estar preparado para exercer sua função alfabetizadora, que se dá no período mais crucial: no início da escolaridade. Um período que requer atenção redobrada, para diagnosticar os níveis em que as crianças se encontram e conhecer métodos que atraiam e desenvolvam o interesse e o prazer das crianças para essa aprendizagem, desenvolvendo autonomia para o aluno participar ativamente desse processo, criando e recriando o conhecimento mediado pelo professor. Trata-se de um processo gradativo como afirmam as autoras:

“Assim nesse período, pode-se dizer que se uma criança não sabe ler, não é obstáculo para que tenha idéias sobre as características que deve conter um texto escrito. Como já foi dito, para a criança, para um texto ser lido, não é somente necessário caracteres identificados como letras, mas também uma certa quantidade de caracteres variável, e ainda as letras não podem ser todas iguais, pois se for será considerada como algo impossível de ser lido.” (MAIO e WATAKABE, 2007: 3)

Na educação infantil, mesmo antes de saber ler e escrever, a criança deve ter contato com materiais escritos que a estimulem a desenvolver sua criatividade e percepção visual. O professor deve facilitar o acesso a textos e gêneros variados para que ela possa explorar imagens, desenvolvendo sua atenção e prazer para a aprendizagem da língua escrita.

Magda Soares, que foi a divulgadora do termo letramento no Brasil, também vê os dois conceitos intimamente ligados como se pode observar no fragmento abaixo:

“Separar alfabetização e letramento é um equívoco, pois a entrada da criança e o adulto que não está alfabetizado no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: a alfabetização - aquisição do sistema convencional de escrita e pelo letramento – desenvolvimento de habilidades de uso do sistema de alfabetização em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita.” (SOARES, 2004:15)

Antes de serem alfabetizadas, crianças e adultos já têm um nível de letramento por lidarem com imagens e ter contato com alguns meios de comunicação. Por essa razão esses dois atos, alfabetizar e letrar, devem percorrer juntos no processo de aprendizagem.

“Alfabetização deve vir junto com o letramento para que as crianças não aprendam somente a ler e a escrever, mas que consigam fazer uma “leitura social” das situações. Assim, é necessário que os professores tenham consciência que é preciso alfabetizar letrando. (MAIO e WATAKABE, 2007: 4)

O QUE É LETRAMENTO E QUAIS SÃO OS MODOS DE LETRAR?

Goulart (2006) também retoma esse tema em seu artigo e discute as relações entre os modos de ser letrado, ressaltando a importância em trabalhar com diferentes linguagens sociais e desenvolver a reflexão sobre a própria linguagem. Relaciona os processos e fatores da condição letrada e mostra como esses meios se constituem no espaço familiar e escolar.

O letramento afeta a língua e a língua afeta o pensamento. Mais especificamente, o letramento afeta o pensamento por intermédio do desenvolvimento de meios para se falar sobre o texto. (...)

O letramento deve ser interpretado como algo mais geral do que a competência para a escrita – nesse sentido, ser letrado é ser competente para participar de uma determinada forma de discurso, sabendo-se ou não ler e escrever; e a escolarização parece fornecer competência para falar

sobre o falar, sobre questões, sobre respostas, isto é, a competência de uma metalinguagem. (GOULART, 2006: .2)

De nada adianta falar sobre a linguagem, pois a metalinguagem relaciona a capacidade de fazer reflexões sobre a própria linguagem. Para ser letrado é necessário o conhecimento sobre o funcionamento da língua nas suas várias formas e saber utilizá-la, fazendo diversos usos da linguagem para comunicar-se e representá-la em diferentes situações.

A criança tem sede de conhecimento e para suprir essa necessidade ela busca diferentes formas, questiona, procura, inventa histórias etc., criando suas próprias estratégias para alcançar seus objetivos. Para não perder essa sede pelo conhecimento, ela precisa ser estimulada e orientada de forma correta para estar sempre aprendendo com suas descobertas.

Vem sendo observado que crianças cujas famílias são letradas e que participam de atos de leitura e escrita desde muito cedo, vendo familiares escrevendo e lendo, ouvindo histórias, chegam à escola conhecendo muitos dos usos e funções sociais da língua escrita... Em contrapartida, as crianças oriundas de famílias pouco alfabetizadas, ou não-alfabetizadas, isto é, com pouca oportunidade de participação em eventos de letramento, ao chegarem à escola, em sua grande maioria, entendem que texto escrito é aquele que a escola lhes apresenta, geralmente, textos acartilhados. (GOULART, 2006:3)

Volto à questão do estímulo familiar: a criança que cresce rodeada de informações, tende a informar-se involuntariamente. Tais informações farão parte de sua aprendizagem, que serão recriadas. Já as que não convivem com tais informações chegarão à escola com um nível de informação inferior às anteriores. É aí que entra o papel crucial da escola em informá-las e estimulá-las através do uso de diferentes meios de comunicação, fazendo uso da língua escrita e falada para proporcionar-lhes o contato com diferentes formas de cultura em todas as suas variações, como música, pintura, arte, cinema, literatura etc. Despertar o interesse por um mundo aquém daquele vivido em casa é o segredo do processo.

As crianças precisam de um convívio social, em que estejam inseridas em um meio com pessoas letradas, passando a fazer parte dessa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a revisão bibliográfica feita ao longo do processo desta pesquisa, foi possível chegar a um denominador comum: a importância de alfabetizar letrando. Viu-se que desde a década de 80, a alfabetização precisou ser pensada de uma outra forma e assim veio a necessidade de reformular alguns conceitos. Reformulação esta que jamais cessará. A educação evolui constantemente, assim como as pessoas precisam evoluir e estar sempre se reciclando para acompanhar toda essa evolução educacional.

A conclusão a que chegamos só foi possível devido à reflexão feita sobre a literatura que trata do tema, feita sob olhares de profissionais capacitados e atuantes na área como Emilia Ferreiro e Magda Soares.

Buscamos exemplos cotidianos, revisitamos a alfabetização em suas várias faces, como era e como é hoje, ressaltamos a necessidade de alfabetizar letrando e a importância de um professor competente e reflexivo, que busca sua atualização profissional permanentemente e aplicar o conhecimento que constrói em sua sala de aula.

É necessário proporcionar estímulos que devem ocorrer desde a infância na família e que devem ser prosseguidos pela escola. A criança com tais práticas (ler e escrever) ocorrendo diariamente em

casa, a criança já irá para a escola com algum conhecimento para a instituição escolar, que dará continuidade ao processo.

Para que ocorra de fato, é preciso uma aprendizagem significativa e dinâmica para formarem-se leitores críticos e atuantes que defendem seus ideais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOLINI Elaine Filomena, TFOUNI Verdani Leda. *Os (dês) caminhos da alfabetização, do letramento e da leitura*, 1999

<http://www.scielo.br/scielo>

CRASO Franco. *Ciclos e letramento na fase inicial do ensino fundamental*, 2004

<http://www.scielo.br/scielo>

FERREIRO, Emilia. *O espaço da leitura e da escrita na educação pré-escolar*.

In: *Reflexões sobre a alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 98 – 102.

GOULART Cecília. *Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo*, 2006

<http://www.scielo.br/scielo>

LACERDA LÍlian de. *Alfabetização e letramento: condições de inclusão social(?)*, 1995

<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/275/27501802.pdf>

MAIO Rosimeire, WATAKABE Thais. *A alfabetização letrada nas séries iniciais do ensino fundamental*, 2007

<http://www.pec.uem.br>

PRADO Iara Glória Areias. *Linguagem e participação social. Alfabetização e ensino da língua*. In: *Parâmetros curriculares nacionais*. 2. Língua portuguesa : Ensino de primeira à quarta série. I. Título. Brasília, 1997. p. 27 - 28

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

